

Alianças tardias

As brasileiras se casam mais hoje que há quinze anos mas agora tendem a adiar um laço que deixou de ser eterno

Guy Rryecart /D.K. /Getty Images

Casar, tudo bem mas não agora. Em 1998, revelam as estatísticas do Registro Civil compiladas pelo IBGE, as mulheres entre 25 e 29 anos que trocavam alianças representavam 19,4% do total em 2008, passaram a ser 28,4%. Nas faixas etárias entre 20 e 24 anos e 15 e 19 anos, ocorreu queda no número de casamentos. Os homens também se casam mais entre 25 e 29 anos a taxa masculina foi de 29,3% em 1998 e agora está em 32,7%. O que isso significa? A instituição vai bem, obrigado, mas não custa nada retardá-la um pouco, especialmente quando se trata de mulheres.

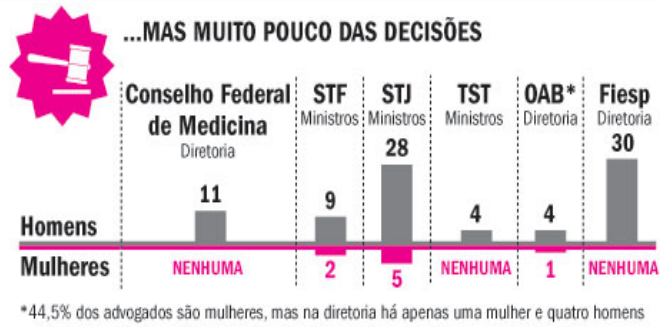
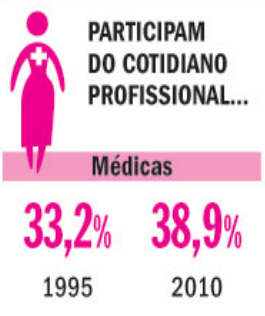
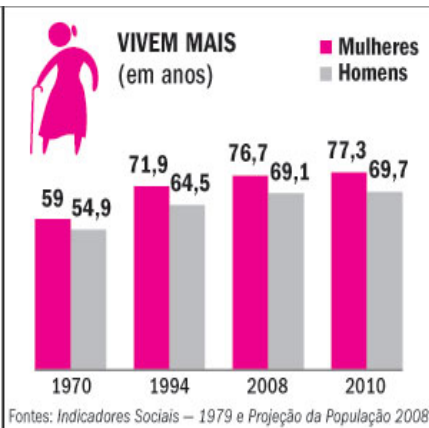
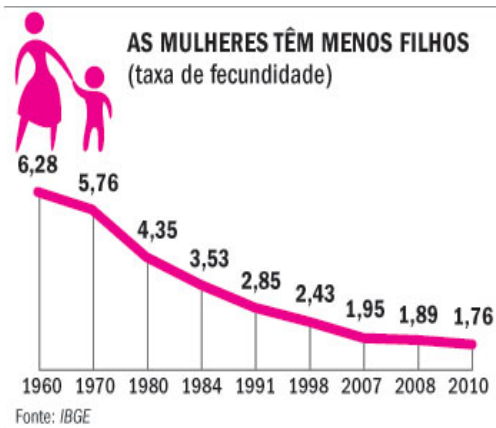


Os brasileiros gostam mais de casar do que de descasar. Em 2008, houve 959 901 uniões legais. No mesmo ano, foram 290 963 separações judiciais e divórcios. Há um dado interessante nessa estatística, a mais recente divulgada pelo IBGE, que ajuda a mostrar como o divórcio, inexistente em 1967, aprovado apenas em 1977, deixou de ser tabu. Até 2004, as taxas de crescimento de divórcios e de separações legais subiam ou desciam em ritmo muito semelhante em 2008, pela primeira vez, os divórcios se descolaram. Esse fenômeno comprova uma maior aceitação desse recurso legal e a ampliação do acesso à Justiça em relação ao tema. Contribuiu também a possibilidade de realizar divórcios em tabelionatos, sem burocracia. É um Brasil que não existia no fim dos anos 1960. Em 1967 foram registrados escassos 5 626 desquites, a figura jurídica de então, o equivalente a apenas 0,12% da população de 15 anos ou mais. Atualmente, 1,75% da população nessa faixa etária já tirou as alianças.

Veja também

- **A transformação feminina na sociedade brasileira**

A utilização deste artigo é exclusiva



Como instituição, tão vilipendiada, tão criticada, o casamento segue firme embora não mais até que a morte separe os noivos. Em 2008, a taxa de uniões atingiu o maior patamar desde 1995, que foi 6,8. A chamada taxa de nupcialidade legal chegou a 6,7 pontos o número mais alto tinha sido 6,6 pontos, em 1999. A taxa de nupcialidade é obtida pela divisão do número de casamentos pelo de habitantes acima de 15 anos, multiplicando-se o resultado por 1 000. Tudo em ordem? Não exatamente. A pesquisa Ibope Inteligência/VEJA revela que 62% das solteiras querem subir ao altar mas 78% das que já se casaram pelo menos uma vez preferem ficar sozinhas.

A utilização deste artigo é gratuita

■ ARREPENDEU-SE DE TER SE CASADO?	1967	1994	2010
	20%	33%	30%
	SIM	SIM	SIM
Comentário: há mais felicidade que infelicidade no casamento; o arrependimento é maior (32%) entre as que têm filhos			
■ A FALTA DE DINHEIRO PODE COMPROMETER A HARMONIA CONJUGAL?	1967	1994	2010
	64%	86%	85%
	SIM	SIM	SIM
Comentário: a percepção de insegurança financeira faz com que 81% das mulheres acreditem na importância de o marido ter seu próprio negócio			
■ CONSIDERA O HOMOSSEXUALISMO UMA DOENÇA?	1967	1994	2010
	67%	54%	83%
	SIM	NÃO	NÃO
Comentário: os preconceitos, de qualquer tipo, diminuíram muito			
■ A CONSTITUIÇÃO GARANTE IGUALDADE DE DIREITOS ENTRE HOMENS E MULHERES?	1967	1994	2010
	50%	63%	61%
	NÃO	NÃO	NÃO
Comentário: a sensação de desigualdade ainda é muito forte, apesar dos avanços econômicos femininos			

Como é juridicamente muito fácil se separar, a grande novidade dentro do casamento é a obrigação do respeito entre os cônjuges

Lúcia Brandão



Até os anos 1960, a sexualidade devia se realizar por meio do casamento, e a mulher que se entregasse a um homem fora dele era dada como perdida. A virgindade era sagrada. Na prática, isso significava sexo vetado para os namorados ou noivos e obrigatório para os cônjuges. Tratava-se de uma dupla condenação. Na vida de solteiro, sexo limitado aos prolegômenos. Na vida de casado, sexo regido pela obrigação. Não existia liberdade, e foi contra isso que a revolução dos anos 1960 se fez. Ela foi condicionada por duas descobertas médicas: a penicilina, que nos liberou do medo da sífilis; e a pílula, que nos liberou do medo da gravidez. O que caracterizou esse movimento foi a sua amplitude. Era uma reivindicação aberta, divulgada com estardalhaço na imprensa, cujo papel foi fundamental.

O movimento libertário, que teve o seu apogeu em maio de 1968, nas ruas de Paris, dividiu as águas em relação ao casamento. De um lado estavam os tradicionalistas; de outro, os ditos "revolucionários", que apostavam na conquista da liberdade e relegavam a união a dois a um plano inferior. Para nós, revolucionários, grupo evidentemente minoritário, o vestido de noiva era um arcaísmo e a meta de se casar e constituir família, secundária. O nosso imaginário era totalmente diferente do imaginário dos nossos pais, que sacralizava a instituição do casamento, favorecendo os amores clandestinos. O que nós queríamos, à diferença deles, era o amor livre, cuja trombeta soprávamos com disposição inigualável.

O sexo primava sobre o amor, e a hipocrisia implícita no modelo anterior do casamento era desqualificada. Questionávamos de várias maneiras a fidelidade e pregávamos com fervor a lealdade. Em outras palavras, apostamos tudo no gozo, sem desconfiar que este poderia nos escravizar.

Na verdade, escapamos à repressão imposta às gerações anteriores, mas nos tornamos vítimas do nosso ideário. O homem era forçado a ter uma atividade sexual intensa, e a mulher, para demonstrar liberdade, precisava dizer *sim* a todas as propostas masculinas. Insensivelmente, passamos do sexo proibido ao sexo obrigatório.

A aids, nos anos 1980, freou o movimento, impondo-nos o sexo seguro em vez do sexo livre e despreocupado. Com isso, a relação marital e a fidelidade passaram a ser novamente valorizadas. O risco real de mudar de parceiro e contrair o vírus levou à contenção, e o casamento renasceu como uma solução. O seu significado, porém, já era outro, não implicava necessariamente a constituição de uma família. Servia de proteção e pode ser comparado a um refúgio.

A fidelidade é o imperativo dos tempos da aids, e, ainda que seja rara, é o ideal dos amantes. Por isso, nos anos 1980, o amor foi entronizado. Ao contrário do que ocorria antes da revolução sexual, o casamento se tornou indissociável da satisfação amorosa. O divórcio impôs outra mudança, porque o amor se quer eterno, mas o desejo sexual é errático, ele muda de objeto. O amor tem um pavio apagador ou, como escreveu Vinicius de Moraes, não é imortal, posto que é chama.

O sentimento amoroso, em um duplo processo, hoje sustenta e ameaça o casamento, que pode se dissolver com facilidade. O divórcio litigioso tende a ser evitado e a separação não escandaliza mais ninguém. Tornou-se uma prática corriqueira. Tendemos a não dramatizar a separação, considerando que só a felicidade importa e é preciso alcançá-la como for possível. Essa é a tese de *Tudo Pode Dar Certo*, o mais recente filme de Woody Allen lançado no Brasil. Não dê atenção à opinião dos outros. Faça da sua vida o que for preciso para ser feliz é o que o cineasta bem-humorado nos diz, fazendo troça dos imperativos do puritanismo americano.

Em outras palavras, não se pode mais dizer que o casamento é isso ou aquilo; ele já não é passível de definição. Cada caso é um caso, e as diferenças precisam ser levadas sempre em conta. De verdadeiramente novo, o que existe é a obrigação do respeito entre os cônjuges. Precisamente porque é possível e fácil se separar. Nesse contexto, o problema da separação são os filhos pequenos e adolescentes. Eles precisam fazer o luto do ideal de ser feliz por meio do casamento. Ao mesmo tempo, precisam fazer o luto da presença contínua do pai e da mãe. Queiram ou não, é com os menores que os adultos têm de se preocupar. A evolução dos costumes impõe uma reflexão sobre a dor dos filhos e a melhor maneira de lidar com o sofrimento deles, a maneira mais humana. Casamento, tudo bem. Separação, também, desde que os dois envolvidos sejam responsáveis e não percam de vista o futuro dos próximos.

A mística avó de primeira viagem

Flávia Ribeiro

A atriz Ítala Nandi, agora Ittala, abandonou questões carnis como o sexo, tema de sua entrevista de 1967, pelo apego ao hinduísmo

Ernani d'Almeida



Ittala, com o filho Giuliano e a neta, Sofia: "Os homensfeminilizaram e evoluíram".

À direita, a entrevista na REALIDADE de 1967

Na edição de REALIDADE recolhida pela polícia em janeiro de 1967, a atriz Ítala Nandi, então com 24 anos, foi apresentada como "uma moça que não tem medo de dizer a verdade sobre amor e sexo no Brasil". Ela fora convidada a dar uma entrevista semelhante à que concedera a atriz sueca Ingrid Thulin, no primeiro número da revista, com frases que marcaram aquele tempo: "o pecado não é um corpo nu", "casar é para os que não sabem viver sós". VEJA reencontrou Ítala – agora Ittala, com dois "t" e sem acento no i quatro décadas depois daquele corajoso depoimento.

A mudança de nome aconteceu por adesão à aritmosofia, teoria que busca o significado dos números. "Com essa mudança, não preciso voltar ao início da palavra para pôr o acento", diz. "A cada vez que fazia isso, era como se estivesse dando um passo para trás." Mística, como se percebe, mora em um apartamento no Rio de Janeiro cheio de referências zen, com cheiro de incenso e um quadro com a pintura do deus hindu Ganesha. Para Ittala, essa virada para o misticismo explica por que a nudez, tema primordial daquela entrevista de 1967, não a incomodava como aos outros, e não a incomoda hoje. "No hinduísmo, a nudez está associada à pureza. Para mim era isso, mesmo que eu não soubesse."

Hoje, aos 67 anos, produtora de teatro, cinema e televisão, ela diz já não empunhar as bandeiras que desfraldava no fim dos anos 1960, especialmente a da liberdade sexual. "Alguém acreditar, hoje, que uma revista foi apreendida em parte por causa do que eu disse é uma piração", espanta-se. "Conquistei minha liberdade sexual, as mulheres a conquistaram, e por isso já não se fala desse assunto. O que não está resolvido é a hipocrisia, a corrupção, essa olimpíada da violência em que vivemos, os estragos no ambiente, na biodiversidade da natureza. Naquele momento não se falava sobre isso. Os focos agora são outros."

Um olhar mais atento ao cotidiano de Ittala, um passeio com suas ideias atuais, permite uma conclusão: ela está mais preocupada com a elevação do espírito para além da matéria do que com questões carnis. Foi 22 vezes à Índia desde 1990 e estudou hinduísmo. Para completar, está para lançar um livro sobre uma antiga civilização baseada no matriarcado, *Os Sonhos de*

Vesta. Conta que a história se passa no neolítico, a idade da pedra, mas garante que é um romance futurista, sobre uma mulher que tem o dom de sonhar com passado e futuro.

No presente, a atriz se desdobra entre novelas da Rede Record, a implantação de um polo de cinema e vídeo no Paraná, o livro e a nova vida de avó. Sofia nasceu há cinco meses. O bebê a ajuda a mostrar as diferenças entre a vida que a cercava aos 24 anos de idade quando foi entrevistada pelo jornalista Alessandro Porro, com fotos (sem maquiagem) de David Drew Zingg – e a de hoje. Giuliano, o filho de Ittala, pai de Sofia, ligou recentemente para a avó da menina com uma notícia: "Mãe, estou trocando a fralda da Sofia". A reação de Ittala, algo que ela não podia dizer em 1967: "O Giuliano tem um machismo moderado. Ele não pode ser um liberal total porque vivemos no patriarcado. Mas o pai do meu filho nunca trocou uma fralda. Os homens se feminilizaram e evoluíram".

O pai de seu filho, o cineasta André Faria, por sinal, reaproximou-se de Ittala em 2005. Os dois criaram a Escola Superior Sul Americana de Cinema e TV do Paraná. Mas a atriz afirma que eles não estão exatamente namorando. "Namoro na minha idade?", brinca, para em seguida lembrar que "o ator Renato Borghi costumava me chamar de símbolo sexual que não transa". Ittala garante que não era o furacão sexual que a entrevista a Realidade deixou transparecer e afirma que nada mudou muito nesse sentido. "Eu falava sobre sexo e ficava nua com naturalidade, mas era tímida sexualmente", diz. Prefere viver poucas mas intensas aventuras, como a que mantém com um empresário da Índia há mais de uma década os dois ficam juntos quando ela vai para lá e, às vezes, marcam encontros em países europeus.

Está feliz com suas conquistas. Fala com orgulho do documentário *Índia, o Caminho dos Deuses*, que dirigiu em seu país favorito em 1991; com alegria de sua importância na história do teatro e do cinema brasileiros; e com tranquilidade sobre sua vida. Bem diferente da jovem que declarou em 1967 não ver "saída a curto prazo que possa ser indicada à mulher brasileira". Embora ainda acredite que fora do eixo Rio-São Paulo a mulher continue submissa ao homem, hoje enxerga avanços. "Era muito pessimista quando jovem. Sou mais otimista agora, pelo conhecimento do mundo oriental. Lá, nada acaba, não há pecado, você prepara seu futuro *post mortem*, a sua nova vida."

Bolsa de mulher em 1967... ...e uma bolsa em 2010

Bruna Rodrigues

Fotos Paulo Vitale



- 1 Chaves de casa
- 2 Dropes
- 3 Pó compacto e espelho
- 4 Pente
- 5 Porta-moedas
- 6 Lenço de pano
- 7 Fotos 3 por 4
- 8 Óculos escuros
- 9 Cigarros ou cigarrilhas
- 10 Batom



- 1 Chave do carro
- 2 Garrafa de água
- 3 Barra de cereais
- 4 Cartões de crédito
- 5 Álcool em gel

- 6 Pílula anticoncepcional
- 7 Bloquinhos Moleskine
- 8 Protetor solar
- 9 Smartphone
- 10 Protetor labial

O paradoxo da tristeza

Dwyer Gunn, Betsey Stevenson e Justin Wolfers

Há mais empregos, os salários são melhores e os homens, mais respeitosos – mas por que, afinal, as mulheres não sorriem?

Fotos Elena Kalisphoto.com



"As mulheres de hoje vivem uma vida enormemente diferente daquela das mulheres de quarenta ou cinquenta anos atrás. Graças ao movimento feminista internacional, as mulheres, antes limitadas à esfera doméstica, agora fazem faculdade e pós-graduação e seguem as

mesmas carreiras dos homens. Avanços na ciência e na medicina aumentaram a expectativa de vida tanto para eles quanto para elas. A mortalidade infantil diminuiu significativamente. Mesmo a tecnologia, na forma de invenções como lavadoras de louça e aspiradores de pó, conspirou para liberar as mulheres.

Em geral, as estatísticas refletem esse progresso a participação feminina na força de trabalho, na renda e na escolarização aumenta rapidamente. Em 1970, apenas 8% das mulheres americanas com 25 anos ou mais haviam completado pelo menos quatro anos de faculdade; em 2008, elas eram 29%. Na verdade, em muitos países desenvolvidos as mulheres obtêm mais educação que os homens. Na Inglaterra, em 2007, 56% dos candidatos a vagas em faculdades eram mulheres. Quando os governos de hoje falam em corrigir a disparidade de acesso ao ensino superior, estão preocupados em estimular os homens a ir à universidade.

Atualmente, as mulheres também encaram um mercado de trabalho muito mais amigável que o experimentado por gerações anteriores. A maioria dos países desenvolvidos proíbe a discriminação por gênero na contratação e nos salários, e a disparidade de renda entre homens e mulheres continua se reduzindo. Todos os países da União Europeia oferecem licença-maternidade paga e garantida. Em várias nações desenvolvidas, as mães que voltam ao trabalho mais cedo já podem transferir para os pais a licença-maternidade não utilizada, permitindo assim que os casais dividam de forma mais equilibrada as responsabilidades parentais.

Na frente doméstica, a pílula anticoncepcional deu às mulheres um controle discreto sobre seu corpo e futuro, e as taxas de fecundidade em grande parte do mundo refletem isso. A taxa total de fecundidade (definida como o número médio de nascimentos por mulher) na Inglaterra caiu de 2,69, em 1960, para 1,9, em 2007.

No Brasil, que tem um movimento feminista particularmente bem organizado, as tendências são semelhantes. Em 1960, a taxa de fecundidade no país era de 6,28; em 2010, é de 1,76. Embora no país as mulheres tenham pouca participação na política e lutem para alcançar os escalões superiores das corporações, as brasileiras conseguiram enormes avanços em termos de renda e educação. No fim da década de 80, os homens brasileiros ganhavam 300% a mais por hora do que as mulheres hoje, essa distância está mais perto dos 30%. Como na Europa, as mulheres agora superam os homens quanto a número de matrículas em vários níveis de ensino.

Essas estatísticas, no entanto, mascaram um fato perturbador: embora o status das mulheres em relação aos homens tenha certamente melhorado em muitas partes do mundo, o mesmo não aconteceu com o bem-estar relatado por elas. Nos Estados Unidos, por exemplo, as mulheres se tornaram menos felizes em termos absolutos e também em relação aos homens. As americanas em 1970 tinham mais propensão do que os homens a se dizer "muito felizes", mas essa diferença começou a sumir na década de 80. O mesmo vale para os relatos de infelicidade. Nos anos 70, homens e mulheres tinham a mesma propensão a se considerar "não muito felizes" hoje, as mulheres mostram uma maior tendência a essa percepção.

Há inclusive evidências de que a desigualdade na felicidade começa antes da idade adulta. Meninas americanas de 17 e 18 anos se declararam ligeiramente menos felizes do que em 1976, enquanto os rapazes dessa faixa afirmam estar mais felizes que seus antecessores. Encontramos uma tendência semelhante na Europa. Na maioria dos países desse continente, homens e mulheres estão mais felizes hoje do que na década de 70. Entretanto, o bem-estar delas em relação ao deles declinou. Nos anos 70, as europeias se declaravam ligeiramente mais satisfeitas com a vida do que os homens; agora, elas se dizem ligeiramente menos satisfeitas do que eles.

Os dados sobre a felicidade no Brasil ecoam os europeus. Tanto as mulheres quanto os homens se tornaram mais felizes no país nos últimos anos, mas as brasileiras hoje são menos felizes que os homens. Parece que, em todo o mundo desenvolvido, do ponto de vista do bem-estar declarado, os beneficiários primários do movimento feminista foram os homens.



O que está provocando essa desigualdade de gêneros na felicidade? Recorramos aos Estados Unidos, que têm os mais amplos dados sobre o bem-estar subjetivo, para tratar desse tema. A segunda metade do século XX trouxe questões além daquelas inspiradas pelo movimento feminista, como as mudanças na estrutura familiar, e uma crescente desigualdade. É certamente possível que uma (ou muitas) dessas outras tendências possa explicar o declínio no bem-estar feminino relativo. Todas essas tendências afetam diferentes grupos demográficos de diferentes maneiras, então examinar o bem-estar relatado nesses grupos pode jogar alguma luz sobre o quebra-cabeça.

Por exemplo, se as mudanças no casamento estivessem promovendo a desigualdade na felicidade, mulheres casadas e não casadas deveriam exibir tendências diferentes para o bem-estar. Na verdade, não exibem. Tanto as casadas quanto as não casadas têm experimentado declínio similar no bem-estar relatado.

Será o movimento feminista de alguma forma responsável pelo declínio no bem-estar relativo das mulheres? Talvez ir todo dia para o trabalho e a universidade esteja na realidade deixando que se sintam péssimas? Se fosse esse o caso, esperaríamos tendências diferentes no bem-estar das mulheres que trabalham em casa, e não no mercado. Mas as tendências são semelhantes para esses dois grupos.

Outra explicação comumente oferecida para o declínio no bem-estar relativo das mulheres é a hipótese do "segundo turno" de trabalho, cunhada por Arlie Hochschild em 1989: embora cada vez mais trabalhem fora de casa, elas também continuam a ser as responsáveis primárias por cuidar dos filhos e pelas tarefas domésticas. A Organização Internacional do Trabalho afirma que "ainda são as mulheres que fazem uma parcela desproporcional do trabalho em casa" e

que elas "estão trabalhando mais duro do que nunca, e muitas agora estão trabalhando em um 'segundo turno'".

Mas tais dados contrariam essa hipótese aparentemente plausível. Mulheres com e sem filhos (presumivelmente menos vulneráveis ao problema do "segundo turno") exibiram declínio semelhante no bem-estar relativo. O mesmo é verdade para pessoas que são pais/mães solteiros em comparação a pais/mães casados, ou para pais/mães empregados e desempregados.

O fato mais notável e perturbador sobre o declínio no bem-estar relativo das mulheres nos Estados Unidos é que ele transpassa brutalmente variados grupos demográficos. Mulheres com idade, faixa de renda, nível educacional e estado civil diferentes simplesmente se tornaram menos felizes em relação a homens em situação equivalente.

Já que a desigualdade na felicidade não pode ser explicada por fatores demográficos, talvez ela se deva a um declínio na satisfação das mulheres quanto a certos domínios da vida (emprego, finanças e casamento). Por exemplo, se a felicidade conjugal diminuiu mais para as mulheres do que para os homens desde a década de 70, a diferença pode explicar parte da desigualdade na felicidade.

Apesar das alterações significativas na participação feminina na força de trabalho, a mudança na satisfação profissional não explica o declínio no bem-estar feminino relativo. Independentemente de trabalharem fora de casa ou não, as mulheres manifestam uma satisfação profissional comparável tanto ao patamar histórico de satisfação profissional quanto à satisfação profissional masculina.

A satisfação conjugal também não explica a desigualdade. As mulheres em geral são menos felizes que os homens no casamento, mas tanto os homens quanto as mulheres se tornaram menos felizes no casamento desde a década de 70.

Há um domínio em que as mulheres têm tido uma experiência diferente da dos homens. Em comparação com os homens, as mulheres se tornaram menos satisfeitas com a situação financeira da família. No começo dos anos 70, as mulheres eram tão felizes quanto os homens com relação à condição financeira familiar. Hoje, elas estão substancialmente menos satisfeitas com a situação financeira do lar. Se as mulheres são mais avessas a riscos do que os homens, a ansiedade financeira pode afetar o bem-estar feminino de modo particularmente negativo.

Pesquisas com meninas de 17 e 18 anos indicam que elas estão dando importância a um número maior de domínios da vida. Refletindo os avanços no movimento feminista, fatores como "ter sucesso na minha linha de trabalho", "ser capaz de encontrar um trabalho estável", "contribuir para a sociedade" e "ser uma líder na minha comunidade" se tornaram fundamentais. E, algo relevante, outros pilares não perderam importância. As jovens simplesmente acrescentaram demandas à sua vida, uma mudança que resulta em um refrão familiar: essas meninas relatam uma crescente falta de tempo ao tentar o malabarismo de conciliar seus muitos compromissos.

Se as mulheres hoje estão avaliando sua felicidade sob muitos aspectos (trabalho, casamento, casa, filhos), em comparação a poucos fatores na década de 70, é mais provável que elas sintam que estão fracassando em pelo menos alguns domínios. O movimento feminista pode também ter mudado o bem-estar declarado, de um modo que afinal seja bom para as mulheres. Talvez o que tenha mudado não seja o bem-estar, e sim o bem-estar declarado. As mulheres podem estar mais confortáveis em admitir a infelicidade hoje do que na década de 70. O problema não é o que aconteceu com a felicidade efetivamente vivida pelas mulheres; o problema é que os dados não refletem as reais melhorias que ocorreram na vida delas.

As mulheres de hoje podem também esperar mais para si mesmas, e podem exigir mais para se satisfazer. Na década de 70, elas, ao avaliarem seu bem-estar, provavelmente se comparavam apenas a outras mulheres, enquanto as de hoje têm um grupo de referência diferente que inclui os homens. Se for esse o caso, então o movimento feminista teve sucesso

em uma das suas metas mais importantes: permitir que as mulheres acreditem que são tão capazes quanto os homens.

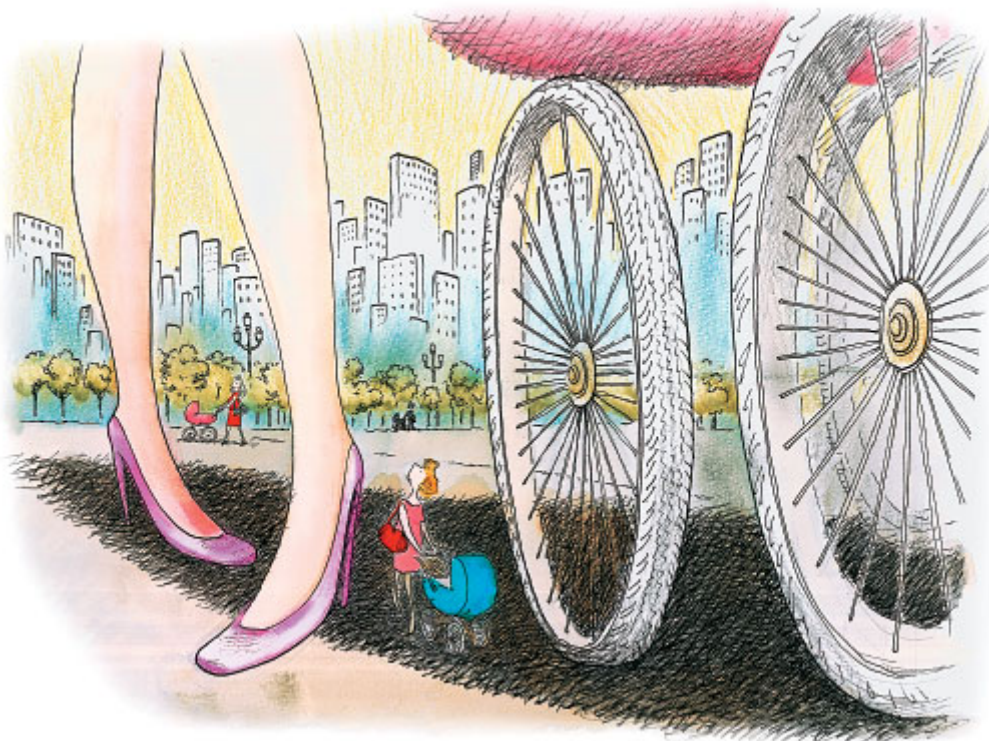
Talvez, acima de tudo, levantamentos recentes demonstrem que o bem-estar das mulheres é simplesmente complicado. Elas hoje consideram uma variedade de fatores ao determinar sua satisfação geral da vida. Obter e agregar felicidade em todos esses diferentes domínios pode ser mais difícil do que era quando os esforços das mulheres tinham um foco mais fechado.

Mamãezinhas nada queridas

Débora Chaves

Os novos personagens da literatura para mulheres são as mães que reproduzem no parquinho infantil a agressividade do ambiente de trabalho

Negreiros



"No início, eram os livros de Simone de Beauvoir e de Betty Friedan, relatos das transformações femininas no pós-guerra, cujo ápice foram os anos 1960. Página virada, as mulheres já não precisavam defender teses. Depois, já nos anos 1990, com espaço e liberdade razoavelmente conquistados, nasceu a chamada literatura para "mulherzinhas". O campeão dessa turma, ícone de uma geração, é *O Diário de Bridget Jones*, de Helen Fielding (mais de 10 milhões de exemplares vendidos em todo o mundo), lançado em 1998 e que depois virou filme de sucesso. Bridget tem 32 anos e 1 milhão de dúvidas.

Agora é a vez de uma nova modalidade a literatura de mamãezinha, ou "mom lit", na expressão em inglês. Na forma de romances quase nunca de ensaios ou relatos autobiográficos –, ela desenha o cotidiano das mães em tempo integral que se torturam com autoanálises impiedosas e muito engraçadas em torno da maternidade em tempos modernos. Elas precisam cuidar dos bebês e do marido, mas também do emprego. Têm de ser divertidas, sensuais, bem-sucedidas e estar na moda. Mas atenção: nada a ver com aqueles manuais de autoajuda repletos de informações (muitas delas inúteis) para mães à beira de um ataque de nervos. Nada a ver, também, com a Supermãe criada por Ziraldo nas páginas da revista CLAUDIA nos anos 1970, sempre zelosa com o filho já adulto.

Os relatos são de mulheres urbanas que reproduzem no parquinho e na porta da pré-escola o comportamento competitivo e agressivo do ambiente de trabalho que abandonaram, ainda que temporariamente, para poder tomar conta dos filhos pequenos. Essas mulheres em geral ostentam diplomas das melhores universidades e experiências profissionais em empresas de primeira linha, e não hesitam em promover uma verdadeira guerra de vaidades (e grifes) na tentativa de provar sua competência na criação dos filhos.

São as típicas "mães-enxaqueca" como descreve a americana Jill Kargman em *Momzillas*, livro recém-lançado pela Editora Planeta no Brasil com o título *Mães em Guerra*, sempre dando lições de moral a respeito da importância de amamentar no mínimo por um ano, de ter parto normal e plantar a placenta, mas que, nos bastidores, optam por marcar a cesariana com antecedência para evitar o inchaço da reta final e, é claro, a possibilidade de perder a elasticidade da musculatura vaginal.

As momzillas mais radicais chegam a competir com as outras mães pela classificação que seu bebê alcançou no teste de Apgar, na curva de crescimento, no peso, na circunferência da cabeça, enfim... em qualquer medida ou avaliação que demonstre algum tipo de superioridade. Daí os desfiles de grifes: Baby Dior ou Ralph Lauren para as crianças e Prada ou Manolo Blahnik para elas ah!, sim, e o carrinho Bugaboo (o Rolls-Royce dos carrinhos de bebê).

Mas a fauna é maior e mais exótica do que imaginamos. Existem também as mães-desastre descritas por Fiona Neill em *Slummy Mummy A Vida Secreta de uma Mãe Caótica*, título que a Editora Record pretende lançar até o fim do ano. Essas estão sempre enroladas com o dia a dia das crianças e se sentem culpadas por não conseguir se equiparar às mães-modelo que veem na porta das escolas. Há ainda as mães transgressoras retratadas por Amy Sohn em *Prospect Park West*, da Editora Rocco, ainda sem tradução para o português e também previsto para chegar às livrarias no fim do segundo semestre. Nesse caso, elas lutam contra o tédio do cotidiano infantil e não hesitam em se masturbar enquanto o bebê tira uma soneca.

Como em um consultório sentimental em que amigas trocam confidências, a regra dos livros estilo "mom lit" é abrir o coração. Nada de idealizações ou filtros cor-de-rosa a respeito da maternidade. Pelas regras da "literatura mãezinha", é preciso revelar o que cada uma está de fato sentindo e, se for o caso, admitir que a maternidade nem sempre é a maravilha que contam por aí. Ao fazerem isso, as autoras acabam criando um vínculo poderoso com suas leitoras, que, entediadas com a rotina tatibitate, precisam que alguém lhes garanta que, sim, é possível ter uma vida sexual ativa e outros interesses depois que o bebê nasce.

Os textos do gênero mulherzinha caíram no gosto das brasileiras as obras para mamãezinhas guerreiras ainda são uma hipótese de boas vendas, embora se aposte no interesse colado ao fenômeno nascido nos Estados Unidos, como tantos outros que vieram de lá e aqui vicejaram. Mas convém ir rápido, porque são modismos passageiros, embora interessantes. Em 2002, as publicitárias mineiras Juliana Sampaio e Laura Guimarães lançaram um blog sobre as atribuições das mães modernas que virou livro e, depois, minissérie, o *Mothers*. Blog e programa de televisão estão desativados, o livro agora vende muito pouco. Para Laura, houve envelhecimento precoce do assunto. "Tinha 32 anos quando escrevi aqueles textos, e naquela época eu e a Ju estávamos mais preocupadas em conciliar a vida social e noturna com o dia a dia das crianças", diz. "Por isso o livro tem muito a ver com criança pequena." Agora que suas duas filhas já estão até voltando sozinhas da escola, é preciso reinventar a roda, e com velocidade. Outras mães vêm por aí, com novos problemas, acelerando seu Bugaboo para mostrar que a maternidade não é obstáculo é condição muito especial do século XXI.

Para virar personagem desses romances, é preciso...

Andrea Graiz/Ag. RBS



...ter um carrinho **Bugaboo (1)**, o Rolls-Royce dos bebês

...manter o corpo sarado com pilates (**Gisele Bündchen** conseguiu em seis semanas, uau!)

...vestir os filhos com Ralph Lauren ou **Baby Dior (2)**

...vestir-se com Prada ou calçar **Manolo Blahnik (3)**

...pôr os filhos numa escola de idiomas aos 3 anos, porque o aprendizado de uma língua estrangeira logo cedo "facilita o desenvolvimento da pronúncia natural"

Fotos divulgação e Bloomberg/Getty Images



Fonte: *Veja Especial Mulher*, Jun. 2010. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br>>. Acesso em: 26 maio 2010.